



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JAYME WERNER DOS REIS II

(depoimento)

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-127

Entrevistado: Jayme Werner dos Reis

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: CEME – ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Data da entrevista: 03/05/2010

Transcrição: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Conferência Fidelidade: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Fitas: (02 fitas) 127/01-A, 127/01-B e 127/02-A

Total de gravação: 90 minutos

Páginas Digitadas: 28

Catalogação: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 02138/2010/01

Número de registro da fita: 02138/2010/01

Observações: Após leitura, o entrevistado alterou alguns trechos do depoimento.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

REIS, Jayme Werner dos. *Jayme dos Reis II (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Estruturas presentes na ESEF quando veio para o Jardim Botânico; locais onde eram realizadas as aulas; construção do “tanque” e as aulas de natação; início do envolvimento com o Centro Olímpico: objetivos, instalações iniciais, período na direção, recursos adquiridos, construção da pista de atletismo e do Centro Natatório; início das atividades no Centro Natatório: aulas de natação da graduação, programas de natação, manutenção e gerenciamento do prédio, parcerias estabelecidas, colaboradores nos programas de natação; troca de gestão do Centro Olímpico: transformação como órgão auxiliar da ESEF, transformação dos projetos em projetos de extensão; visão atual sobre o Centro Natatório.

Porto Alegre, 03 de maio de 2010. Entrevista com o professor Jayme Werner dos Reis, a cargo do entrevistador Marco de Carvalho para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Professor, eu gostaria de começar te perguntando qual as estruturas presentes na Escola¹ quando ela veio para a sede aqui no Jardim Botânico?

J.R. – Vamos ver a parte esportiva ou a parte administrativa primeiro?

M.C. – Pelo que o senhor quiser.

J.R. – Muito bem. Na parte esportiva nós tínhamos o ginásio que, é o mesmo ginásio de hoje, lógico que ele sofreu depois algumas reformas, a mesma estrutura; tínhamos aqui na parte, digamos assim, oeste, uma pista de carvão de 150 metros com duas caixas de saltos, de salto em distância e salto em altura; depois do lado nós tínhamos de três a quatro quadras de tênis de areião; nós tínhamos duas quadras, senão me falha a memória, de basquetebol, de areião, tudo era areião; duas quadras de vôlei de areião também; vários campos de futebol porque a área era ocupada por clubes varzianos. Então, tinha o Clube Dinamite² aqui dentro que depois tivemos um problema sério para tirá-lo. Eles tinham um prédio aqui atrás, uma construção que serviu de sede e tinha um, dois, três campos de futebol. A área toda era atravessada por pequenos córregos. Isso aqui era antiga colônia agrícola do Hospital São Pedro...

M.C. – Tinha plantação de agrião aqui, não é?

J.R. – Tinha. A área é muito aberta, não tinha como cercar isso. Realmente a Escola foi doada pelo governo do Estado, porque isso aqui era a antiga colônia agrícola do Hospital São Pedro, e o professor Gaelzer³ pressionou muito junto ao governo que acabou doando a área para a ESEF. A ESEF vivia pulando de galho em galho. Primeiro eu tirei a Escola lá no campo do Cruzeiro. A Escola funcionou, para você ter uma ideia, junto ao campo dos

¹ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Nome sujeito à confirmação.

³ Frederico Guilherme Gaelzer.

cadetes, onde hoje é o Ramiro Souto⁴, ali na José Bonifácio⁵. Depois passou, para os porões do antigo Colégio Estadual Júlio de Castilhos na João Pessoa⁶, onde hoje é a Faculdade de Economia. Depois de um certo tempo, a Escola passou para o campo do Cruzeiro⁷, onde hoje é o Cemitério João XIII. Muitos e muitos anos passou a funcionar lá, a tal ponto que, quando eu tirei a Escola em 1955, ela era lá em cima. Depois o Cruzeiro que, era o proprietário daquela área, vendeu para essa entidade que hoje é responsável pelo João XIII e a Escola passou para a ACM⁸, ali na Washington Luiz⁹. Eu também comecei a dar aula ali, naquele local em 1963. Dali, em 1964, a ESEF veio para cá. Claro, era tudo muito rudimentar, não tínhamos piscina. Então, o que nós fazíamos para poder dar aula de natação: no rio...

M.C. – Tiveram aula no Guaíba¹⁰?

J.R. – Sim. Demos aula no GPA¹¹, fizemos vestibular no GPA, junto à ponte. Demos aula na Ilha do Pavão¹². O União¹³ nos cedeu a Ilha do Pavão, a gente dava aulas, então, de remo e natação. O União nos cedia de graça, porque os professores eram vinculados ao União e nós tínhamos que conquistar os espaços para podermos trabalhar. Depois passamos aqui para o Petrópole Tênis Clube¹⁴ que, senão me falha a memória, demos aula de natação de 1971 a 1972. Logo após, o Petrópole também não cedeu mais as instalações. Até tem uma revista, um livro “Medicina e Saúde” de 1971, em que estamos dando aula e foi fotografado naquele local.

⁴ Estádio Ramiro Souto, localizado no Parque Farroupilha.

⁵ Rua de Porto Alegre.

⁶ Avenida de Porto Alegre.

⁷ Esporte Clube Cruzeiro, fundado em 1913.

⁸ Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

⁹ Rua de Porto Alegre.

¹⁰ Lago Guaíba.

¹¹ Club de Regatas Guaíba-Porto Alegre - Em 28 de novembro de 1936, o Club de Regatas Porto Alegre (antigo Ruder-Club Porto Alegre) fundiu-se com o Club de Regatas Guahyba (antigo Ruder-Verein Germania), resultando o Club de Regatas Guaíba-Porto Alegre, o GPA. Manteve-se como data de fundação a do Ruder-Club Porto Alegre (21 de novembro de 1888) razão pela qual o GPA é considerado o clube de remo mais antigo do Brasil.

¹² Ilha do Pavão - Uma das tantas ilhas que compõem o Delta do Jacuí em Porto Alegre, junto ao Rio Guaíba. Local onde localiza-se a sede de remo do Grêmio Náutico União.

¹³ Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

¹⁴ Fundado em 07 de setembro de 1941.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]¹⁵

M.C. – Então, o senhor deu aula no Guaíba, no Petrópole, no União, e quando foi efetivamente construído o tanque aqui na Escola?

J.R. – Entre 1960 e 1970. Logo depois de 1971, ainda não tínhamos recurso... Foi antes de 1970, porque o professor Cleomar¹⁶ que, também era professor da Escola, tinha um vínculo muito importante com a Secretaria de Educação, porque a Escola, antes de passar para a Universidade Federal, estava vinculada à SEC¹⁷. Neste período, ele buscou recurso no Rio de Janeiro junto ao DED/MEC¹⁸, onde conseguiu algo em torno de seis mil cruzeiros. E se construiu, no prolongamento deste prédio aqui, uma piscinha de 12,5 x 10. Idealizou-se uma piscina com degraus, ótima para a aprendizagem.

M.C. – Como era a borda dela?

J.R. – A estrutura era toda feita de tijolo com azulejo em toda a sua volta e com degraus. Na parte sul era mais rasa e na parte norte era mais funda. Mas no momento foi a melhor opção. Isso era a verdade. Nós tínhamos que ensinar o aluno a nadar. Inclusive, não tínhamos piscina aquecida, nem filtro. A água da piscina tinha que ser trocada semanalmente. Na sexta-feira terminava a aula e já se abria o registro, escoava a água, se dava uma limpada porque não havia funcionário para essa tarefa. Então, os professores de natação é que faziam isso.

M.C. – Quais os professores?

J.R. – Professor Derick Oscar Ely e eu porque os outros professores já não davam mais aulas de natação. O professor Gaelzer já tinha se aposentado e a professora Tony¹⁹ também. A Tony se afastou da natação e ficou vinculada mais junto à dança. Então, nós tínhamos essa incumbência. Tínhamos que estudar como se tratava uma água e, realmente,

¹⁵ Professor Adroaldo Cezar Araujo Gaya entra na sala.

¹⁶ Cleomar Antonio Pereira Lima.

¹⁷ Secretaria de Educação e Cultura.

¹⁸ Departamento de Educação Física e Desportos do Ministério Educação.

¹⁹ Antonia Seitz Petzhold.

por volta de 1972, eu fiz um curso no Rio e lá aprendi inclusive, como se deveria tratar uma piscina. Logo depois, nós conseguimos mais um pouco de recurso, compramos um pequeno filtro e a piscina começou a ser filtrada. Quem dosava a água era eu, media o volume da água, aplicava o produto químico que deveria ser usado e assim, tínhamos uma piscina *ótima* para nosso trabalho. Porém, a vizinhança aqui era terrível. Cercamos a piscina com tela.

M.C. – A área da Escola não era cercada ainda?

J.R. – Era *muito* mal cercada e junto aos moradores da área havia um grupo da pesada que cortava a tela com alicate e invadia. Nos fins de semana, o “weekend” deles era aqui, dentro da ESEF, inclusive, sujando a água.

M.C. – Atrapalhava a prática da natação?

J.R. – Tranqüilamente. Nos prejudicavam muito. Tinha dias que tínhamos que suspender a aula, limpar a piscina de novo, deixar encher e botar água limpa novamente. Bom, outro problema era a temperatura. Nós começávamos normalmente as aulas de natação mais cedo para aproveitar o período mais quente. Então, muitas vezes, nós começávamos as aulas em fevereiro. A gente ia até onde desse as aulas: fevereiro, março, abril, maio já começava ficar ruim. Terminávamos em abril e está vindo como hoje baixou a temperatura. E um grande problema era a área aberta. *Muito* vento. O pessoal realmente sentia muito a temperatura. Plantou-se, então, uma cerca viva em volta para proteger pelo menos, dar condições de o aluno freqüentar as aulas de natação. Em fins de outubro, também um pouco frio, mas a gente começava. E, se algum aluno, por exemplo, não passasse na parte prática - como eu era uma pessoa muito vinculada ao União, já naquela época - conseguia a piscina térmica do União para que, o nosso aluno que, não conseguisse vencer as dificuldades natatórias lá, tivesse condições mais favoráveis. Consegui com o presidente do clube uma ou duas raias para dar aulas para eles. Mas isso era fora do horário deles e do meu. Isso era mais uma situação que a gente via a dificuldade do aluno e procurava tentar superar isso aí e não prejudicar o aluno e perder um semestre ou um ano em função de uma disciplina como a natação. Mas isso, felizmente, conseguimos superar.

M.C. – Então, na verdade, as aulas práticas de natação neste tanque, ficavam condicionadas aos meses mais quentes do ano?

J.R. – Exatamente.

M.C. – E, este intervalo, seria reservado às aulas teóricas?

J.R. – Aulas teóricas, aqui mesmo na Escola. Quem introduziu as aulas teóricas de natação na Escola, fui eu. Porque nós tínhamos o período que interrompíamos as aulas práticas. Então, era o trabalho era muito intensivo. Chegamos a ter aulas na SOGIPA²⁰ também. O que se fazia com essas aulas de natação na SOGIPA: como nós não tínhamos uma pista adequada aqui – tínhamos esta pista de carvão de 150 metros – o professor Fredolino²¹ que, era o professor da cadeira de atletismo e também técnico de atletismo na SOGIPA e tênis. Conciliávamos algumas disciplinas num determinado dia. Num determinado horário, tinha aula de tênis, depois atletismo e depois natação. A gente reunia, com algumas turmas, esse tipo de atividade. Era um problema, principalmente para o aluno, este deslocamento. Tu imaginas, a Escola aqui no Jardim Botânico e a SOGIPA lá no bairro São João. Mas, felizmente, com *muita* dificuldade superamos. Vestíamos a camiseta e tocávamos o barco em frente.

M.C. – E a disciplina de natação tinha prova prática, não é?

J.R. – Tinha.

M.C. – E era no tanque esta prova prática?

J.R. – No tanque, apesar de ser 12,5 x 10 metros. Era mais demonstração do que parte técnica ou treinamento que a gente poderia dar para o aluno. Depois que se introduziu outros conteúdos dentro da natação, inclusive noções de treinamento, podíamos cobrar mais do aluno.

²⁰ Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

M.C. – Agora eu pergunto para o senhor sobre o Centro Olímpico²²...

J.R. – O Centro Olímpico surgiu em 1971 na gestão do doutor Faraco²³, Reitor da UFRGS²⁴. Quem foi convidado para assumir o Centro Olímpico inicialmente foi o doutor Henrique Licht²⁵. Ele foi o coordenador do Centro Olímpico durante um ano, mas, como ele tinha outra ocupação, não podia ficar em tempo integral. Então, ele pôs as cartas na mesa para o Reitor e disse: “Veja, eu não tenho condições de seguir porque eu tenho um emprego assim, assim... Não posso largá-lo. O que eu posso fazer é o seguinte: vamos indicar um outro coordenador com menos horas de trabalho para o Centro Olímpico e eu passo a assessorá-lo”. O Reitor aceitou e eu fui convidado no dia 23 de julho de 1971, bem na data do meu aniversário.

M.C. – O Centro Olímpico era vinculado à Reitoria da Universidade?

J.R. – Na Reitoria inicialmente. Só que se começou a pensar numa outra área porque, em 1968, a Escola passou para a universidade. Então, nesse período nós começamos já a auxiliar a PROPLAN, a Pró-Reitoria de Planejamento. Eles então, começaram a projetar o Centro Olímpico inicialmente pela pista de atletismo, piscina e quadras.

M.C. – Eu já lhe pergunto então, qual era o objetivo do Centro Olímpico, da criação do Centro Olímpico e por que do nome Centro Olímpico?

J.R. – Centro Olímpico porque, realmente, era instalar, verdadeiramente, instalações desportivas a altura de uma universidade. A tal ponto que a universidade não tinha Escola de Educação Física. Ela agregou a Escola de Educação Física. O que foi feito? A Reitoria assumiu esta parte, assumiu a área e, em contra partida, todos os professores da Escola que estivessem no quadro da Escola, passariam, desta forma, automaticamente para o quadro da Universidade. Quer dizer, foi uma transferência do pessoal da ESEF para a Universidade. Quem era adjunto ficou na função de adjunto e assim por diante. Aí o

²¹ Fredolino Adalberto Ricardo Taube.

²² Órgão responsável pelo desporto universitário da UFRGS.

²³ Eduardo Zaccaro Faraco.

²⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁵ Henrique Felipe Bonnet Licht.

Centro Olímpico inicialmente começou na Reitoria no 7º andar, numa sala. Então, começamos a planejar. Quem contribui muito também foi o professor Fredolino que, na época, não era, digamos assim, o diretor da Escola. Ele era o coordenador da Escola. Foi nomeado no momento em que a Escola passou para a Universidade. Ele era o professor mais indicado para assumir esta função. Era o professor mais antigo, tinha uma vivência extraordinária dentro da Escola, era uma pessoa ponderadíssima, honesto, realmente, foi uma pessoa que pesou muito aqui dentro da Escola. Bom, como o Centro Olímpico começou a crescer e tinha uma vinculação com a ACEUFRGS, Associação Central dos Estudantes da Universidade - ela funcionava onde hoje é o Planetário. Ali tinha um ginásio, era o ginásio da Universidade, mas era de madeira. Era interessante porque foi uma obra feita, elaborada, planejada pela Faculdade de Arquitetura. Tinha uma quadra de futebol de salão, dentro dela, tinha uma quadra de vôlei e basquete. Os jogos universitários eram ali realizados, menos o futebol que tínhamos que usar outras dependências – então, a universidade alugou uma casa na Venâncio Aires²⁶, como a Associação não tinha uma sede. O Centro Olímpico ficou encarregado de dirigir o desporto universitário e também acompanhar o seu desenvolvimento, bem como dirigir jogos. Foi uma época difícil politicamente. A parte política do país naquele período não foi muito fácil. Então, realmente, como sempre estivemos mais voltados ao trabalho e nunca pensou-se em política, baixávamos a cabeça e tocávamos o trabalho em cima daquilo que se pretendia: dirigir o desporto universitário. Nesse meio tempo, aqui atrás do ginásio tinha uma casa que morava o seu Annibal²⁷ que era o zelador da área, mas ele já estava surdo, ficava de noite acordado e de dia vivia dormindo. De repente, a universidade solicitou a casa e a família também quis ir embora, o seu Annibal ficou muito doente, acabou depois falecendo, e nós ocupamos a casa. Na parte frontal da casa ficava a sala da direção, nós tínhamos uma peça onde guardávamos o material esportivo, uma cozinha onde preparávamos refeições e, muitas vezes, o cafézinho. Uma casa, relativamente, com quatro ou cinco peças.

M.C. – Isso em que ano, que veio para cá para a ESEF?

²⁶ Avenida de Porto Alegre.

²⁷ Annibal Theóphilo Florindo da Silva

J.R. – Nós viemos para cá em 1971 com o aval da Universidade. A casinha já existia. Essa casa foi construída para o zelador da área [toca o telefone].

[INTERRUPÇÃO DE FITA]²⁸

J.R. – Então, isso porque... Veja bem: em 1971, eu fui nomeado então, para a direção do Centro Olímpico e, nesse meio tempo, paralelamente, eu concorri com o Cel. Targa²⁹ para a direção da Escola.

M.C. – Então, o senhor era diretor do Centro Olímpico e vice-diretor da Escola?

J.R. – Exatamente, a partir de 1972. Em julho de 1971 eu passei a assumir e, em dezembro de 1972, foi feita a escolha por Brasília e eu fui nomeado vice-diretor da Escola com o professor Targa.

M.C. – Então, o professor Targa foi o primeiro diretor da Escola enquanto federal?

J.R. – Na federalização, ele foi o primeiro diretor da Escola.

M.C. – O professor Fredolino foi só o coordenador neste período de transição?

J.R. – Sim. Coordenador durante o período transitório. Em 1972, nós sentamos e começamos a ver as instalações esportivas da área.

M.C. – Ainda com aquele objetivo de gerir o desporto universitário da UFRGS?

J.R. – Também, porque, em 1971, foi criado o Decreto 69.450³⁰ que obrigava o universitário a fazer educação física. Isso foi um momento muito importante para a Escola.

²⁸ O entrevistado atende o telefone.

²⁹ Jacintho Francisco Targa.

³⁰ Decreto que regulamenta a prática desportiva universitária. A obrigatoriedade da Educação Física se dá por meio do Decreto-Lei 705/69 de 1969, que diz: “Será obrigatória a prática da

M.C. – O senhor acha que deu visibilidade para a Escola?

J.R. – Sim. Inclusive, o que aconteceu: houve uma mudança profissional nos nossos professores. A maioria tinha 20hs dentro da Escola, outros tinham 40hs e, de repente, com a advento do Decreto, por exemplo, a universidade se viu obrigada imediatamente a implantar o Decreto 69.450. Então, como o Centro Olímpico já passou a ocupar aquilo ali em 1971, e, claro, cada setor da Escola tinha que fazer um orçamento e o Centro Olímpico também. Nós tínhamos que pensar em instalações e precisávamos de recursos. Começamos a elaborar um orçamento para o Centro Olímpico. Como o professor Targa era o diretor da Escola e, na realidade, o vice-diretor era o responsável pelas instalações da área e do material esportivo. Nesse período, nós conseguimos conciliar as duas coisas: Centro Olímpico e Escola. O que faltasse para a Escola, o Centro Olímpico supria. Então, houve um entrosamento muito grande neste período.

M.C. – O Centro Olímpico ainda estava ligado à Reitoria e não à Escola?

J.R. – O Centro Olímpico sempre esteve ligada à Reitoria. Eu devia, por exemplo, satisfações para o Pró-Reitor – na época não era Pró-Reitor, mas sim Superintendente Acadêmico -. O Superintendente acadêmico na época era o professor Jorge Alberto Furtado. Ele era professor convidado pelo Reitor também. A gente tinha uma vinculação muito boa. Ele me conhecia e conhecia o Dr. Licht, enfim. Sentamos e ele nos encubiu desta parte. Como o Fredolino na época, em 1971, ainda era o coordenador da ESEF, nós tínhamos um entrosamento muito grande e mesmo com o professor Targa também. Com o advento do Decreto, tínhamos um período para implantar esse Decreto, senão me engano, já em 1972. A Universidade tinha um ano de prazo para implantá-lo. Como nós não tínhamos muitas instalações, fiquei encarregado de entrar em contato com Agremiações Esportivas para alugar os locais para a prática da educação física. Então, fizemos convênios com a SOGIPA, com o União, com o Grêmio Esportivo Wallig, com o GPA no remo, enfim, tudo que fosse possível e onde se pudesse prever uma prática desportiva, tínhamos que estar aptos. Era interessante para os clubes, porque era um recurso que

educação física em todos os níveis e ramos de escolarização, com predominância esportiva no ensino superior”.

entrava. Para esses clubes que estavam mal financeiramente, era uma forma de terem um recurso para melhorias...

M.C. – E o Centro Olímpico pagava para esses clubes?

J.R. – Pagava, porque nós tínhamos o recurso. Pagávamos mensalmente. Materiais esportivos quem fornecia era o Centro Olímpico porque a Escola não tinha. Chegou a tal ponto que, num período, a compra de material pela Escola era inferior e o que fornecíamos aos atletas universitários para a prática das atividades físicas era melhor. O aluno reclamava e com razão. Então, era um problema na escolha do material. Na realidade, quando o Centro Olímpico construiu a pista, – a pista foi a primeira a ser construída –, quando ficou pronta, faltavam detalhes, não tinha *nada*. O Centro Olímpico foi injetando recursos: gaiola para o arremesso do martelo, o fosso para a corrida com obstáculo, local para salto com vara, salto em altura, enfim, todo o material, inclusive, certamente, a cerca em volta da pista. Tudo foi, praticamente, com recursos oriundos do Centro Olímpico. Por exemplo, o governo federal deu recurso para se construir a pista, mas, as instalações da pista, não. Então, tínhamos que fazer à parte. Complementar.

M.C. – No caso, a Escola que conseguiu recursos com o governo para montar a pista, mas o Centro Olímpico entrou com outra verba para a parte material?

J.R. – Não. Não é a Escola. Foi o Centro Olímpico. O Centro Olímpico administrava tudo. O aluno da Escola era convidado, aquele que praticava o atletismo, a prestar um assessoramento para aquele que quisesse praticar o atletismo na pista. E ele era pago, era uma bolsa-esporte que ele recebia do Centro Olímpico. Nesse meio tempo, como se buscou o recurso em Brasília para a pista, conseguimos também para a piscina. Fomos duas vezes para Brasília.

M.C. – Isso enquanto vice-diretor da Escola ou diretor do Centro Olímpico?

J.R. – Neste meio tempo, como vice-diretor da Escola e diretor do Centro. Fui com o engenheiro Egydio Hervé³¹ que, era marido da professora Iula³² que, era professora na ESEF. Ele era o diretor da Prefeitura Universitária, fomos a Brasília apresentar o projeto ao MEC³³ e trazer recursos. O recurso veio, mas sempre houve demora para as licitações e até sair, na época que havia inflação, o dinheiro se esvaía rapidamente. Bom, a pista ficou pronta. Não era para sair no local de hoje, era para sair lá onde está a piscina, mas, após um estudo geológico, viu-se que o terreno lá naquele local não era adequado para construir a pista. Tinha muito problema de infiltração de água. Se todos tivessem tido a chance de conhecer a área da ESEF há uns anos atrás, era um banhado. Lamentavelmente um professor da Escola teve uma idéia infeliz de fazer um tanque de remo, lá da área dos eucaliptos até a rua Felizardo. A terra foi removida da área e acabou sendo desviada para aterra uma série de terrenos aqui do bairro. Então, abriu-se os portões e botou-se uma placa na frente: “Aceita-se aterro”. E veio. Nesse meio tempo, a nosso pedido, a prefeitura canalizou essa área toda. Uma empresa que a prefeitura contratou para fazer toda essa rede de esgoto que vai até o arroio. Neste espaço, atravessam várias canalizações.

[FINAL DA FITA 67/01-A]

J.R. – Definimos os níveis da área. Tu estás vendo que tem vários níveis. Talude aqui, talude lá, tinha-se que fazer isso. Tu vê hoje o talude da piscina como ele é alto, depois o campo de futebol, mais ou menos, num nível mais baixo. Mais abaixo, vem as quadras de tênis e tudo. Realmente, foi um trabalho. O que se fez? Continuando, a pista já estando pronta, nós seguimos para a piscina. Ela teve um impulso inicial muito forte e depois ficou por dois anos parada só com o esqueleto.

M.C. – Quando começou a construção da piscina, do Centro Natatório?

J.R. – Senão me engano, a piscina ficou pronta em 1976...

M.C. – Em 1976 ela ficou pronta para uso?

³¹ Egydio Hervé Filho

³² Iula Maria Green Hervé

J.R. – Sim, para uso. Mas eu vou te explicar como: tu conheces lá, são duas piscinas. O que existia de moderno em piscina nós instalamos nela. Ela tem uma imagem muito semelhante àquela piscina de Colônia³⁴ na Alemanha. Depois que eu vi a piscina de Colônia, eu fiquei admirado, porque ela é toda envidraçada como a nossa atual piscina.

M.C. – Foi inspirada?

J.R. – Olha, a gente buscou de tudo que é jeito plantas daqui, plantas de lá, enfim. Depois nós vimos uma semelhança. A Universidade tinha um setor de arquitetura muito interessante. Realmente, era uma obra de arquitetura *muito* avançada.

M.C. – Foi feito em parceria com a PROPLAN também?

J.R. – A PROPLAN. Também, os idealizadores da piscina, foram da divisão de obras: o Dr. Egidio, os arquitetos Adomide³⁵ e o Albano³⁶ e a Suzana³⁷. Foram as pessoas que bolaram e nós sempre estávamos junto dando detalhes para eles. Como a piscina tinha que ser construída, outra pessoa teve uma influência muito grande aqui, uma pessoa de fora, que era o Dr. Lélío Araújo³⁸. Ele é engenheiro, especializado em piscinas e membro da CBDA³⁹. Então, nós bolamos esta piscina de dois metros de profundidade. Ela tem um metro de oitenta nas cabeceiras e dois metros a dois metros e vinte na parte central. Tem uma inclinação em direção ao centro onde tem o escoador dela. Essa piscina na verdade, como eu te falei, demorou muito a ser concluída, ficou dois anos parada...

M.C. – Começou em 1972?

J.R. – Em 1972. Levou dois anos, aproximadamente, o esqueleto, ou seja, a estrutura dela.

M.C. – Enquanto isso, as aulas ainda eram no tanque?

³³ Ministério da Educação

³⁴ Universidade de Colônia, localizada na cidade de Colônia na Alemanha.

³⁵ Nome sujeito à confirmação

³⁶ Nome sujeito à confirmação

³⁷ Suzana Costa Barbosa

³⁸ Lélío Soares Araújo

³⁹ Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos

J.R. – Continuavam as aulas no tanque. É evidente que foi feito concorrência pública e a empresa que ganhou foi a pior e foi a que apresentou o menor preço. Tínhamos que estar em cima, acompanhando de perto. Por exemplo, eu acompanhei desde a implantação da primeira estaca. São trezentas e sessenta ou trezentos e oitenta pilotis cravados ali. A estaca mais profunda, tem quatorze metros de profundidade, para encontrar terreno firme. Tu vê que ela não teve nenhuma fissura. Nós acompanhamos tudo de perto. Era para ser uma piscina, inicialmente, aquecida a óleo diesel “full oil”, a tal ponto que tinha uma chaminé, mas a chaminé não funciona, porque, na época, deu o problema do petróleo, começou a encarecer. Então, a prefeitura da universidade optou por eletricidade porque a universidade tinha um subsídio com a CEEE⁴⁰, o chamado kilowatt industrial. Era interessante porque o transformador desta piscina era uma loucura. Mas funcionava. A rede vinha da Salvador França⁴¹, passava por baixo da rua, até chegar no transformador. Então, começamos a pensar aos poucos - como era tudo elétrico, de repente, acabou-se o subsídio e começou a ficar caríssimo o aquecimento da piscina – começamos a pensar no gás. Foi instalado já para os chuveiros. Na minha gestão já instalamos os chuveiros a gás. Daí já tínhamos água quente. Depois da obra também houve muitos problemas. Na hora de construir a piscina, os corredores foram lavados com ácido e o ácido infiltrou pelas frestas do basalto e atacou toda tubulação de aquecimento da piscina. Começamos a perder água como nunca, até se descobrir tudo. Nos valem do setor de energia atômica da universidade para localizar onde era o vazamento. Trocamos toda a rede e isolamos tudo. Hoje, nós temos uma tubulação de pvc que agüenta até 100°. Se naquela época soubéssemos que existia esse tipo de material, não teríamos tantos gastos. Na realidade, se conservou esta piscina como se fosse uma relíquia. Muita gente dizia: “O espaço desta piscina é mais limpo do que um hospital”. Os corredores brilhavam, os vestiários eram o orgulho do pessoal, os funcionários se esmeravam para mantê-lo limpo. Era uma referência. Hoje, é lastimável, tu estás vendo. Tu mesmo verificas ali portas atacadas por cupim, forro caindo, enfim. Aquilo ali é a galinha dos ovos de ouro, eu digo assim. Hoje, a ESEF se mantém graças à piscina e, se não cuidar, vai tudo abaixo.

⁴⁰ Companhia Estadual de Energia Elétrica

⁴¹ Avenida de Porto Alegre

M.C. – Em 1971 então, o Centro Olímpico veio para cá e ficou na casinha onde era o zelador. E a piscina sendo concluída em 1976, sendo utilizada, como o senhor comentou, o Centro Olímpico foi para lá?

J.R. – Sim. O Centro Olímpico se instalou lá porque começaram a pensar em obras aqui também. Tinha uma meia quadra de tênis atrás do ginásio e foi preciso desmanchar a casa para fazer o paredão de tênis. Bom, aqui tem uma coisa muito interessante para te falar: quando o Centro Olímpico foi lá para cima, a gente passou a dirigir o Centro Olímpico dali. Então, *toda* a área, em especial pista, começou a dar problema. A direção da Escola já não era mais o Targa. Eu continuei na direção do Centro e o professor Milthon Cunha⁴² passou a ser o diretor. Ele se queixava para o Reitor dizendo que não tinha fundamento a Escola não ter recurso. Mas o Reitor chegou para ele e disse: “Olha, quem faz o orçamento é o senhor. O Centro Olímpico não tem nada a ver com isso”. Aí realmente começou o período de “vacas magras” na Escola porque não souberam fazer um orçamento adequado. Aí começaram os problemas. A Escola reivindicou a pista: “Nós queremos a pista para a Escola”. Nesse meio tempo, nós ficamos ainda mais cinco anos tomando conta da pista. No quinto ano, eu reformei toda a pista.

M.C. – Em que ano isso?

J.R. – Olha, se a pista foi construída em 1972, 1973, cinco anos depois, em 1978, o Centro Olímpico ainda bancou toda a reforma da pista. Nós gastamos mais do que a pista custou.

M.C. – Isso já passou a gestão para outro diretor da Escola?

J.R. – Sim. Aí o que se fez: logo depois que a pista ficou pronta, começaram os problemas de dissidência. E o Pró-Reitor disse assim: “Vamos fazer o seguinte: vamos passar a pista sob a responsabilidade da Escola”. Nunca mais a pista foi mexida depois daquela reforma e ficou no estado que você vê hoje. Os anos foram se passando, tentando buscar recursos para reformar a pista e ela, hoje, o que tem que fazer? Tem que ir até a base de novo e fazer *tudo* de novo. Estragou tudo, inclusive, madeira de lei que foi colocada nos locais do salto em distância, na corrida com obstáculo, tudo era com madeira de lei. Se não

conservar, apodrece tudo. As caixas, drenos, tudo. Essa pista foi muito bem construída e a drenagem dela era espetacular. Podia chover e num instante ela estava seca tamanho era o escoamento efetuado. Tudo foi canalizado em função desta rede de esgoto que tem por aí. Bom, aí construiu-se as quadras de tênis, de vôlei. Uma das críticas que eu fiz quando fizeram a modificação: quando a Escola assumiu as instalações, eles transformaram as quadras de voleibol em quadras de handebol. Se você observar, ela está mal orientada. Onde é que se viu numa Escola de Educação Física se preconizar uma coisa errada dessas. Quadra é no sentido norte-sul e não leste-oeste. Mas transformaram as quadras de voleibol de cimento em quadras de handebol e elas ficaram mal orientadas. Cada vez que o aluno vai arremessar a bola, dá de cara com o sol.

M.C. – Eu lhe pergunto sobre o Centro Natatório: o senhor comentou então, que, em 1976, mais ou menos, ele ficou efetivamente pronto. E as aulas efetivas lá?

J.R. – Como é que nós começamos com a piscina: não tinha recurso e eu fui no Pró-Reitor: “O senhor me adianta este recurso para aquecer a piscina térmica, a pequena, que, em seis meses com os programas de natação, eu lhe devolvo o dinheiro”.

M.C. – Antes disso, já tinha aula lá?

J.R. – Só no período de verão.

M.C. – Mesmo dentro do Centro Natatório?

J.R. – Sim. Funcionava o sistema de filtragem, mas não tinha aquecimento. A piscina semi-olímpica era usada, mas em período quente só. A água era muito fria.

M.C. – Mas já era coberta?

J.R. – Sim. Todo o prédio já era coberto. E, realmente, eu cumpri com a palavra e, após um semestre, eu devolvi o dinheiro para o Pró-Reitor. Aí eu disse assim: “Nós vamos aquecer a piscina grande usando o mesmo sistema. Eu vou trabalhar um ano com ela fria e, no ano

⁴² Milthon José Cunha

seguinte, eu a deixo prontinha e aquecida”. Foi o que se fez. Transformamos a piscina. Se fez parceria com a Federação de Natação: “Eu cedo a piscina para as competições, mas vocês vão ter que fornecer as raiaas”. E assim fomos fazendo. Conseguimos pintura da piscina com eles. Num ano, consegui com a Petrobrás⁴³ o material para fazer as raiaas, eles nos deram o material todo, os plásticos e nós pagamos só as confecções das raiaas. Tudo isso se fez porque o próprio Cel. Éric Tinoco Marques que, era o diretor do DED/MEC na época que foi uma das pessoas que realmente disse assim: “Essa piscina tem que ser construída no sentido de dar apoio ao desporto da natação gaúcha”. Durante muito tempo, enquanto se estava no Centro Olímpico, fez-se essa parceria com eles. Hoje, a federação luta para fazer uma competição e tem uma dificuldade enorme para conseguir piscina. Eu sei que nada é de graça. Fazer uma parceria com a federação. Hoje em dia, temos que fazer isso, senão não conseguimos recurso. Tudo é difícil em termos de dinheiro.

M.C. – Então, o senhor viu que houve uma evolução bem grande para as aulas de natação essa passagem do tanque para a piscina pequena aquecida?

J.R. – Tranquilamente. Porque, inclusive, nós tivemos a possibilidade de ampliar as aulas de natação, começamos a fazer programas comunitários [toca o telefone].

[INTERRUPÇÃO DE FITA]⁴⁴

J.R. – O aluno da Escola passou a ter o que chamamos de prática de ensino que, antes, não tinha. Então, realmente, abrimos monitoria. Esse programa que o Beto⁴⁵ dirige lá em cima hoje, quem começou fui eu e o Beto, como foi meu auxiliar durante muito tempo, seguiu o programa [toca o telefone].

[INTERRUPÇÃO DE FITA]⁴⁶

J.R. – Nós conseguimos fazer programas de natação para a comunidade e, justamente através do programas de natação, que o Centro Olímpico era o terceiro órgão arrecadador

⁴³ Petróleo Brasileiro S/A.

⁴⁴ O entrevistado atende ao telefone.

⁴⁵ Alberto Ramos Bischoff

⁴⁶ O entrevistado atende ao telefone.

da universidade. Veja bem, quem ganhava era o CPD⁴⁷ e o IPH⁴⁸, por causa dos convênios e eles não eram em cruzados, eram em dólares. Mas chegamos a ter mais de mil freqüentadores na piscina e o nosso aluno que, se destacasse nas aulas de natação, era convidado e se conseguia para eles uma bolsa trabalho na Reitoria. Ele obtinha uma experiência extraordinária no ensino da natação. Essas escolinhas da redondeza buscavam os bolsistas para atuarem, pois trabalhavam com jovens e adultos na piscina. Se trabalhava de segunda à sexta de noite. Não prejudicava, *de forma alguma*, as atividades da Escola. Terminavam as atividades da Escola, começavam as atividades do Centro. A tal ponto, que terminamos a nossa tese em cima deste programa, pois foi realizada uma entrevista com cento e cinquenta freqüentadores. Tivemos um grupo de trabalho muito interessante. Esta tese foi realizada lá na PUC⁴⁹. Por que o professor Jayme não pôde fazer fora o seu mestrado? Porque ele era o único professor de natação que tinha na Escola. Meu outro colega havia se aposentado. Então, ministrava *todas* as disciplinas de natação, *todas*. E se trabalhava muito. Dávamos aula de remo também [riso]. Então, passamos a viver a Escola de corpo e alma.

M.C. – O senhor comentou sobre os programas de natação. No Centro Natatório, no prédio, eram só os programas de natação ou aquelas salas ali em baixo eram utilizadas para algum outro programa?

J.R. – Não. Na época, tinha muita coisa dentro do prédio que tinha que ser terminada. Montamos uma sala de musculação, salas de aula - esgrima e judô-, aquela que fica entre as duas piscinas. Tinha um local onde se guardava o material esportivo: bolas e uniformes, tinha um gabinete médico onde fica a sala do Gilson⁵⁰, eram feitos os exames ali. Chegamos a ter um médico à disposição lá. Ele foi até diretor do Conselho Regional de Medicina e tinha sido meu aluno no Rosário⁵¹. Não respeitava horário e ficou a disposição do Centro por um certo tempo. Como não queria cumprir horário, solicitamos o seu afastamento.

⁴⁷ Centro de Processamento de Dados

⁴⁸ Instituto de Pesquisa Hidráulica

⁴⁹ Pontifícia Universidade Católica

⁵⁰ Nome sujeito à confirmação

⁵¹ Colégio Marista Rosário

M.C. – E quais eram os colaboradores que o senhor tinha nos programas de natação, na administração do prédio do Centro Natatório mesmo? Quem trabalhou com o senhor na época?

J.R. – Na época, quem trabalhou muito aqui foi o professor Aldo Rosito⁵². Ele foi muito tempo secretário no Centro Olímpico. Quando ele passou para um cargo na Reitoria, veio o Carlos May⁵³. Antes do Carlos May, tinha o Beto. Ele praticamente foi nosso aluno, depois começou a assumir algumas funções e, então, passou a coordenar quando nós nos aposentamos. Aí ele assumiu. Mas tinha o Jorge⁵⁴, esse que trabalha aqui em baixo. Trabalhou lá. A Lizette⁵⁵ que trabalhou por muito tempo. Ela veio junto e a encaminhamos para os bebês. Ela assumiu esta parte. Agora, natação propriamente dita, mais avançada, a Lizette não pegou. Com a Lizette tinha os monitores que trabalhavam também. Trabalhávamos muito com monitores. Os alunos da Escola. Era uma forma também de valorizar o trabalho deles. A tal ponto que, quem saiu daqui, se deu muito bem aí fora. Um dos que foi da época aqui foi o Pedro⁵⁶, do Caixeiros Viajantes⁵⁷. Ele trabalhou muito tempo no Centro Natatório. Foi aluno aqui da Escola. Quem mais...

M.C. – O Mauri⁵⁸?

J.R. – Não. O Mauri não. Ele terminou a Escola e já tinha as suas academias e tudo...

M.C. – A Helena⁵⁹?

J.R. – A Helena trabalhou no início, como aluna. Depois ela fez concurso como professora de recreação. Depois, com a época que o marido dela assumiu a vice-direção da Escola e quando fomos para Alemanha ministrar aulas de natação, ela assumiu a direção do Centro por indicação do Dr. Eduardo De Rose⁶⁰ que era o diretor da ESEF na época.

⁵² Aldo Antonello Rosito

⁵³ Nome sujeito à confirmação

⁵⁴ Jorge Torres

⁵⁵ Lizette Dias de Castro Miguens

⁵⁶ Pedro Moraes

⁵⁷ Clube Caixeiros Viajantes

⁵⁸ Mauri Fernandes da Fonseca

⁵⁹ Helena Alves D'Azevedo

⁶⁰ Eduardo Henrique De Rose

M.C. – Em relação aos eventos que ocorreram no Centro Natatório. O senhor comentou que tinha uma parceria com a federação gaúcha. Mais algum? A Escola Técnica também utilizava o espaço?

J.R. – Sim, usou. Inclusive, eles tinham aulas de natação...

M.C. – O senhor cedia o espaço?

J.R. – Sim. Tinha o IPH, o curso técnico de hidrologia. Insistimos com a direção de que eles deveriam aprender a nadar porque eles estavam fazendo verificações em rios, lagos e eles não tinham uma credencial se quer para poder fazer um trabalho dessa ordem porque, se caíssem dentro d'água, morriam afogados. A tal ponto, que eles tiveram mortes. Uma foi no rio das Antas e outra foi aqui na Ponta Grossa. Não sabiam nadar e acabaram morrendo afogados. E uma das coisas que havíamos afirmado: “Olha, antes de mais nada, nós vamos fazer um teste nesse equipamento de salvamento de vocês, nos coletes salva-vida”. O primeiro teste que fizemos foi jogar os coletes dentro d'água e eles afundaram. Mais um peso para afundar o sujeito. Daí compraram novos equipamentos. O teste final era o seguinte: tinham que nadar durante meia hora sem parar. Tocavam na borda e tinham que voltar e podiam até ficar flutuando porque tinham que executar uma forma de sobrevivência. Depois saímos e não sabemos se o IPH continua usando o local. É uma coisa muito importante que se continue este tipo de atividade.

M.C. – Professor, ainda tem uma confusão nos dias de hoje, não sei se naquela época tinha, entre Centro Olímpico e Centro Natatório. O Centro Olímpico seria o órgão...

J.R. – O Centro Olímpico é o que coordenava tudo e era toda a área e o Centro Natatório é o prédio.

M.C. – E a manutenção, o gerenciamento, a administração do Centro Natatório, ficava a cargo do Centro Olímpico ou da Escola de Educação Física?

J.R. – Na nossa época, o Centro Olímpico tomava conta de tudo.

M.C. – A Escola não cuidava nada lá?

J.R. – Não tinha gerência porque o Centro Olímpico tinha uma vinculação com a Reitoria. A direção da Escola não mandava no Centro Olímpico.

M.C. – E o prédio não pertencia a Escola?

J.R. – Não. Não era. Toda a área era o Centro Olímpico. O Centro Olímpico era o espaço físico. A Escola é um curso de Educação Física dentro do local. Porque, no momento em que a área foi, digamos assim, absorvida pela Universidade, passou à Universidade. A tal ponto, que hoje tu vêes quantos cursos? Não tem um curso de fisioterapia, de dança agora? Tem vários espaços aqui dentro da Escola que estão sendo ocupados por cursos da Universidade.

M.C. – Por isso o nome “Campus Olímpico”?

J.R. – Sim.

M.C. – Indo até os vestiários ali, nós vemos que tem umas normas de utilização. Foi o senhor quem criou aquelas normas, naquela época?

J.R. – Sim.

M.C. – E as pessoas respeitavam?

J.R. – Sim. Não se permitia que alguém fosse de calçado lá em cima.

M.C. – Já era aquele piso emborrachado?

J.R. – Sim. Só que houve uma modificação porque botaram aquele tapete vermelho na cabeceira da piscina grande e na lateral da piscina de aprendizagem, porque começou a levantar. Então, foi feito o novo piso e colocado aquele tapete vermelho em cima, aquele emborrachado ali. Uma coisa que queria te dizer que é o seguinte: o Centro Olímpico

também trouxe vários técnicos estrangeiros. Por exemplo, esse curso foi aberto pela Escola e pelo Centro Olímpico. Veio um técnico de natação, um técnico de atletismo e, por último, que quando começamos, tínhamos uma vinculação com os companheiros das Américas, então, tínhamos a possibilidade de trazer alguém dos Estados Unidos (EUA) para dar cursos aqui. Os cursos que tivemos maior frequência foram os de atletismo e natação, em 1980.

M.C. – Quem veio da natação?

J.R. – Foi o assessor do Counsilman⁶¹, Tom Battle III⁶². O John Dircks⁶³ só deu aula lá no IPA⁶⁴. Outro foi o Joseph Piane⁶⁵. Ele era o técnico de atletismo, excelente e o Battle era de natação e, por último, foi o que hoje a Escola está tentando reativar: o nado sincronizado. Trouxemos uma doutora de nado sincronizado dos Estados Unidos, a Kim Van Buiskirk de Indianópolis, em 1986.

M.C. – Que época isso?

J.R. – Nós nos aposentamos em 1995... Em 1980. Éramos diretor do Centro Olímpico ainda. A Linai Vaz⁶⁶, não sei se tu a conheces, era filha do professor Alceu⁶⁷. Conseguimos uma bolsa para ela ir para os EUA e, quando esta técnica veio para dar o curso de nado sincronizado, a convidamos para ser a assessora dela. Ela se grudou nesta americana e aprendeu, a tal ponto que hoje, ela é a técnica principal americana, pois ficou vinculada aos EUA e nunca mais voltou. Ela fez concurso. Conseguiu uma bolsa através da CAPES⁶⁸. Primeiro fez especialização e depois mestrado e doutorado, lá nos EUA. Realmente, foi uma força que foi dada para essa menina.

M.C. – Então professor, o senhor ficou que período na direção do Centro Olímpico?

⁶¹ James Doc Counsilman

⁶² Nome sujeito à confirmação

⁶³ Nome sujeito à confirmação

⁶⁴ Instituto Porto Alegre – Rede Metodista de Educação do Sul

⁶⁵ Nome sujeito à confirmação

⁶⁶ Linai Vaz De Negri

⁶⁷ Alceu Vaz

J.R. – Eu fiquei quinze anos. Mais de dez consecutivos.

M.C. – De 1971 a...

J.R. – De 1971 a 1981, são dez anos consecutivos e mais cinco anos intercalados.

M.C. – O Senhor passou então pela gestão do Targa, do Milthon Cunha e do Alduino⁶⁹?

J.R. – Sim. É no período do Alduíno que nós tivemos desentendimentos.

M.C. – Mas, como o senhor ainda era ligado à Reitoria, a indicação para o Centro Olímpico era da Reitoria, não tinha nada a ver com a Escola?

J.R. – Da Reitoria. Aí ficamos dois anos ali e houve um acerto político. Como tínhamos dois cargos da Universidade: do Colégio Aplicação e da ESEF, o Reitor que, era o Francisco Ferraz⁷⁰, chegou e disse: “Olha, estou recebendo uma pressão muito grande por parte da direção da Escola...”.

[FINAL DA FITA 127/01 - B]

J.R. – “Tu estás efetuando 60hs, eu vou te aposentar do Colégio Aplicação porque tu já tens tempo de serviço, e tu passarás a ter 60hs e vais trabalhar aqui comigo na Reitoria”. Então, nos afastamos da Escola, ficando apenas com as aulas. Saímos do Centro Olímpico. Isso foi na gestão do Alduino. Quem assumiu o Centro Olímpico foi o Arno Black.

M.C. – Na gestão do Cassel⁷¹ já?

J.R. – Não.

M.C. – Ele assumiu antes então?

⁶⁸ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

⁶⁹ Alduino Zílio

⁷⁰ Francisco Luis dos Santos Ferraz

⁷¹ Mário César Cassel

J.R. – Não. O que aconteceu então: ficamos com a incumbência de assumir as colônias de férias da Universidade porque já tínhamos mais ou menos uma relação com as colônias e o Reitor disse: “Tu vai trabalhar junto da Pró-Reitoria de Recursos Humanos onde a colônia de férias está vinculada. Tu ficas ali e eu já te passo para 60hs”. E foi o que eu fiz. Nesse período, assumimos a direção do departamento esportivo da Reitoria. Fiquei por lá, depois o Cassel assumiu como Pró-Reitor e me convidou para ser o assessor dele. Fiquei trabalhando com ele. Fui para Alemanha nesse meio tempo, dei minhas aulas na Escola de Educação Física de Colônia e depois voltei...

M.C. – Depois que o Arno Black saiu, é a gestão do “carioca”⁷² e senhor assume novamente?

J.R. – Exatamente.

M.C. – E já era indicação da direção da Escola ou ainda era da Reitoria quando o senhor assumiu?

J.R. – Era a Reitoria, porque o professor Fernando Carvalho era o Pró-Reitor na época do Ferraz. Então, eu passei a trabalhar lá na Reitoria e o Fernando Carvalho viu que não foi boa a experiência da entrada do Arno. O Arno foi destituído e eu voltei.

M.C. – O Arno teve uma forma de administração diferenciada da sua, não é?

J.R. – Sim.

M.C. – Eles tentaram aproximar mais para a Escola... Teve até o trâmite dessa questão de órgão auxiliar, foi transformado nesse período...

J.R. – Sim. Nesse período ele passou, logo em seguida... Eu não me lembro bem se o Centro foi transformado como órgão auxiliar da Escola nesse período.

M.C. – Foi mais ou menos por ai... 1990...

J.R. – Bom, 1990 sim, mas antes não. Quando eu saí, o “carioca”... Não. Em 1992 eu era o diretor do Centro ainda.

M.C. – O senhor entrou então, depois do Cassel, na gestão do “carioca”, em 1988, 1989, não é?

J.R. – Exatamente.

M.C. – E ficou até?

J.R. – O “carioca” ficou dois anos na direção só. Não ficou até o fim.

M.C. – Ele se aposentou e assumiu o De Rose depois...

J.R. – É. Daí o De Rose assumiu e, quem assumiu como vice, foi o Velly⁷³, o Alexandre. Aí eu fiquei na gestão do Centro Olímpico e, para poder ir para a Alemanha, eu tinha que largar o Centro. Então, o próprio De Rose disse: “Quando tu voltares, tu assumes novamente”.

M.C. – Quem ficou no seu lugar quando o senhor foi?

J.R. – Aí o Alexandre escolheu a Helena para ficar. A Helena ficou naquele período.

M.C. – Seria, na verdade, enquanto o senhor estivesse fora?

J.R. – Sim, mas, quando eu voltei, me apresentei e [riso] não. Aí eu trabalhei com o Cassel nesse período de 1992 – eu voltei em setembro - e o Cassel me convidou para ser o diretor da parte esportiva. Eu assumi os desportos universitários. Recriei o desporto universitário. Comecei a fazer os jogos universitários de novo. Na primeira gestão, foram de duzentos a trezentos atletas, depois, na segunda, nós já fomos a seiscentos e depois, inclusive,

⁷² Paulo Gilberto de Oliveira, conhecido como “carioca”.

⁷³ Alexandre Velly Nunes

conseguindo prêmios para os atletas de destaque junto a empresas de Porto Alegre. A Unidos que nos deu duas bicicletas fenomenais para serem sorteadas aos atletas.

M.C. – Professor, quando o Centro Olímpico torna-se órgão auxiliar da Escola, se vincula a Escola e, no caso, o diretor escolheria...

J.R. – É o diretor da Escola que hoje escolhe... Acho que Centro Olímpico não. Centro Natatório, porque o Centro Olímpico agora, praticamente, não existe mais.

M.C. – E, nesse período que a Helena assume, ela transforma os projetos que tinha lá dentro para a comunidade universitária antigamente, não é? E passa para extensão, para a comunidade de fora, em geral...

J.R. – Sim.

M.C. – E o senhor acompanhou este processo de perto?

J.R. – Não. Isso não porque eu já estava fora.

M.C. – E, na volta, o senhor teve algum conhecimento desse processo?

J.R. – Eu tomei conhecimento que estavam fazendo este programa comunitário. Mas, esse programa comunitário, eu já tinha começado a fazer.

M.C. – Mas era só para a comunidade universitária?

J.R. – Universitária, mas, inclusive, quando havia vaga, abria-se para fora. Mas a preferência era para o pessoal universitário.

M.C. – E, hoje em dia, esses projetos de extensão são bem reconhecidos dentro da universidade, a Escola, o que ela tem hoje, muitos comentam que é isso. O senhor vê isso?

J.R. – Sim. Isso é uma maneira de projetar a Escola mesmo porque estes projetos, realmente, também auxiliam a parte financeira da Escola. Isso é um recurso que vem. É muito importante. Eu acho que nunca a gente deve, no serviço público, penso eu, que a arrecadação tem que ser via Reitoria. Porque nunca se sabe o que pode acontecer. O recolhimento sempre era feito com guia e o dinheiro arrecadado revertia em benefício do orçamento do Centro. E, só se podia tocar naquele dinheiro, com a autorização da Pró-Reitoria de Administração. Tinha que ser muito bem fundamentado o emprego deste dinheiro.

M.C. – E, diante do exposto pelo senhor, o que representou para o senhor o Centro Olímpico, o Centro Natatório? Valeu a pena tudo?

J.R. – Mas é claro. Eu acho que valeu muito a pena, inclusive, a Escola cresceu. Uma coisa que a Escola não tinha. Realmente, nós nos situamos assim, fizemos que a universidade se projetasse. Se tu pensares bem, Santa Maria construiu sua piscina antes da nossa. Mas só que construíram uma piscina totalmente errada. Colocaram todas as esquadrias de ferro numa piscina... Onde tem emanção de cloro, o ferro não resiste. Em um ano e meio, em menos de cinco anos, as aberturas todas ficaram corroídas. Então, uma das grandes coisas aqui que sempre se pensou: alumínio. A piscina tem trinta e oito para trinta e nove anos e, se tu fizeres uma boa limpeza naquele alumínio, vai te agüentar mais um bom tempo. Só eu lamento o seguinte: esta piscina não pode ser abandonada como está sendo abandonada. É uma pena isso. Até, realmente, a gente fica chateado porque tu, sendo pai da criança, de repente, ela está no estado que se encontra. Algumas coisas, por exemplo, que eu não vi muito com bons olhos na instalação de alguns tonéis que são colocadas nas escadas ali, principalmente, na entrada do prédio. Se tu chegares ali, tu vais ver o seguinte: está corroendo tudo. Tanques, uma armação de madeira, toda deteriorada, enfim. Um dia desses estoura um tanque daquele lá. Não basta o estouro dos visores que encheram os corredores da piscina para mais de uma vez. Ainda mais um problema que eu sempre digo: manutenção é manutenção. Onde tem material que é atacado pela corrosão, se tu não tomares providências, daqui a pouco estará acontecendo como aconteceu ali. Estoura um filtro, um cano. Tem que estar em constante verificação, sempre.

M.C. – Dali sai um grande recurso para a Escola, não é? Teria que zelar por aquele espaço...

J.R. – Tu tens que, de repente, destinar uma parte da verba para a manutenção da piscina. Uma das coisas prioritárias são aquelas vigas lá em cima. É um vão de quarenta e dois metros de largura. O que sustenta aquelas vigas: um cabo de protensão esticado. Se um cabo daqueles arrebenta, vem a estrutura toda a baixo. Então, não deixar acontecer como aconteceu com a piscina na Suíça onde caiu o teto todo, matando gente. Imagina uma piscina dessas com o pessoal nadando ali e, de repente, o material desaba. Outra coisa é o forro da piscina. Aquele forro é todo preso, tem uma madeira e o forro é pregado naquela madeira e essa madeira é presa por arames. Mas tem que ser um arame especial para segurar aquilo.

M.C. – Isso desde a sua época, a mesma estrutura?

J.R. – Sim. Mexemos uma vez só. Na minha época, eu levantei todo aquele lado onde o pessoal sai do vestiário feminino. Começou a baixar e eu chamei, exigi que a Reitoria, o pessoal da Prefeitura Universitária, fosse lá e olhasse. Eles foram ver e o arame que segurava o madeiramento tinha se rompido e o forro caiu. Quer dizer, não chegou a cair no chão. Tiveram que escorar tudo. E trocar muita madeira ali que está apodrecida.

M.C. – Hoje em dia, o senhor ainda vai lá dar as suas nadadas, dá aula para o CELARI⁷⁴. E o senhor vê a importância daquele espaço para aquelas pessoas que lá utilizam?

J.R. – Sim. Claro. Tem várias atividades aquáticas ali. Tem o “jogging”, a hidroginástica, o ensino da natação, uma natação de manutenção. Tem vários que estão nadando na piscina grande que já passaram por mim. Passaram da piscina pequena para a grande e a gente vai mandando.

M.C. – Então, o senhor vê e reconhece a importância daquele prédio, das piscinas lá para a Escola?

J.R. – Sim. Não tenho dúvida. Hoje, eu digo assim: esqueçam o Centro Olímpico. O Centro Olímpico faz parte da história. Hoje, quem é que está? A Escola. A Escola está aqui e continua a fazer um trabalho e que este trabalho projete esta unidade aqui. Então, eu fiz parte desta unidade, trabalhei muito tempo nela. Só que, lamentavelmente, tem gente que puxa muitas vezes o assadinho para o seu lado. Se, de repente, eu recebi uma incumbência e procurei seguir da melhor maneira possível a direção daquela função que me foi outorgada. E nunca me arrependi daquilo. Outra coisa que se fez aqui foi definir esta área. Ninguém, a não ser o Centro Olímpico, definiu esta área aqui, no momento mesmo, a Escola estando aqui, se conseguiu escriturar esta área. Ela não era escriturada. Isso aqui era terra de ninguém.

M.C. – Era uma extensão do Jardim Botânico...

J.R. – Sim. Se conseguiu dez hectares. Construiu-se, na época aqui, a divisão ali com o Surdos e Mudos, construíram o muro errado. Tivemos que mandar desmanchar tudo porque não obedeceram o que estava escrito na planta. Não tinha planta isso aqui, não tinha nada. Nós fomos na casa de um procurador, ele morreu e estava com os papéis da escritura e aí nós, o Dr. Licht e eu, fomos atrás para regularizar esta área aqui. Nós gastamos muito de nosso dinheiro, muita gasolina de nossos carros e tudo, para ir... Claro, o procurador morava lá na Pedra Redonda e, quando chegamos lá, ficamos sabendo que ele havia falecido. Aí nós pedimos licença para a viúva e disse: “A senhora vai nos desculpar, mas nós estamos atrás de um documento muito importante para definir uma área que é da universidade e ficamos sabendo que o seu esposo estava com esse material”. Realmente, pedimos licença para ir na mesa dele. Eu sabia, conhecia o processo. “Está aqui. A senhora nos permite que nós levemos este material assim, para que possamos dar continuidade a escritura desta área aqui?”. Ficou definido que não tinha nada. Isso aqui fazia parte do Jardim Botânico e ficou assim, sem alguém definir. Felizmente, conseguimos resolver o problema.

M.C. – Muito obrigado professor. Foi de extrema importância seu depoimento.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

⁷⁴ Centro de Lazer e Recreação do Idoso